

a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

N.º 68 — primavera de 2022

<i>NOUS N'IRONs PLUS AU BOIS</i> — Luís Filipe PL Sabino.....	1
SER OU NÃO SER AVEC — Raúl Reis	5
UM APARTE À PARTE (X) — Jorge Madeira Mendes	7
A UCRÂNIA E OS FILIPES — João Miranda.....	8
SE NÃO É VERDADE, É BEM ACHADO — CORES E PONTOS CARDEAIS — Paulo Correia.....	9
INDOMALÁSIA E WALLACEIA — REGIÕES E SUB-REGIÕES BIOGEOGRÁFICAS — Paulo Correia	11
UCRÂNIA — FICHA DE PAÍS — Paulo Correia.....	15

Em 2022 o serviço de tradução para português (atualmente: Departamento de Língua Portuguesa da Direção-Geral da Tradução) da Comissão Europeia celebra 40 anos, que aqui se assinalam com um artigo sobre os primórdios.

Nous n'irons plus au bois

Luís Filipe PL Sabino

Antigo funcionário — Comissão Europeia; Comité Económico e Social Europeu-Comité das Regiões

Tenho desde há umas folhas d'«a folha» andado numa busca insaciável de fixar o tempo que decorre, disso sendo prova *juris et de jure* uma ou outra crónica que por aqui tem passado. Eu já andava descrente desta coisa, achei que me acometeu ultimamente. Não fora o ressuscitar da deslembança por algumas almas, que se arrojam, nos Idos de março marçação p.p. — estes Idos sem qualquer crime que lhes pudesse ser assacado — à ingente tarefa de trazerem ao proscénio o que uns diminutos pioneiros, lá para a década de 80 do pretérito século, se dispuseram a fazer com muito proveito para a sociedade e não menos relevo para eles. Este funcionar da memória coletiva, sem paredes-meias com a nostalgia, é em si uma coisa de mérito. Permite ela afinar o acontecido e deixar para os que vierem, se porventura por tal se debruçarem, umas réstias de história e de estórias que de outro modo ficariam arbitrariamente ao sabor dos ventos injustos, da ruindade dos humanos ou das funestas intenções ocultas destes. As coisas seriam, pois, assim. É que haverá sempre quem rosne, que assevere que foi errado o percurso que os que estão hoje nest'«a folha» ajudaram a encetar. Essa gente não conta. Uns com pretensão de tudo ciar, outros possuídos de oculta emulação... tal gente não traz luz a escuridão nenhuma. Porque os frutos estão por aí. O cenário em que tudo, comigo e com escassos outros, começou a acontecer principiou por se circunscrever aos países baixos, ou seja a Bélgica e os propriamente ditos Países Baixos, terras de zéfiros e águas e de chocolate.

Eu, então com 37 anos e alguns anos de experiência profissional após licenciatura em Direito, tinha da Bélgica e dos Países Baixos conhecimentos esparsos, em parte tributários de, a certa altura de 1971, ter andado apardalado em torno de batava que algarviava nesse verão. E depois ó-Evaristo-lá-vai-disto

«peguei ao serviço» em janeiro de 83⁽¹⁾. Como disse, sabia um pouco da história das Flandres, com leituras de história e de ficção, completada pelas aulas do curso livre de neerlandês na Universidade de Lisboa em 1971/72, ministradas pelo insigne professor Luís Crespo Fabião, apaixonado por essas pequenas-grandes nações, o que já foi lembrado em crónica anterior. Devo-lhe muito da «preparação» que me incutiu para me lançar, levípede, na «aventura» europeia, deixando para trás, por breve instante, pensava eu, a esplendorosa Lusitânia, a Marg e os peques. E ia com a principal minha recomendação de os chamar para junto de mim, após ter encontrado alojamento adequado — o que foi feito, que aqui não se brinca em serviço. Isto, como disse, em janeiro de 1983⁽²⁾, num dia frio típico das manhãs de partida de viagem.

Nos primeiros meses (janeiro/abril de 83) em Bruxelas fiquei num quarto na Rue Archimède: a Madame Bertrand, quarentona com certa graça, alugava quartos periodicamente. O meu primeiro escritório foi também na mesma área. Já lá estavam a Cristina, a Cecília, a Graça... e por ali vagueava uma estulta criatura, que não identifico... mas que não era eu. Eu usava então cabelo preto cor de telefone antigo, o que também já mencionei em crónica anterior⁽³⁾. Num *bistrot*, hoje desaparecido na névoa da madrugada, a flamenga de Bruges, com um qualquer cargo na Comissão, cliente e atraente frequente, juntava-se para um café. E desenrolavam-se temas diversos. O episódio durou umas semanas, e ficou por aí. Creio que ela não estava para mais e eu ainda menos. Isto visto 40 anos depois.

Mais tarde, mudámos para outros escritórios, na Avenue de Tervuren. Eu residia não muito longe, já com o cão Farrusco⁽⁴⁾ — rafeiro como eu — e a minha pequena família. E amiúde deslocava-me a pé entre a casa e o local de trabalho. Uma vez o Farrusco acompanhou-me, sem eu me aperceber; entrou nas instalações onde eu trabalhava e recusava-se a abandonar o meu gabinete, tendo rosnado com ira a quem ali pretendia entrar (enfim, mais um facto que não interessa a ninguém...).

Ali tínhamos róis de páginas a traduzir/rever *magnis itineribus* a partir de várias línguas. E, claro, devíamos entregar um produto acabado e publicável, que não fosse um vinho batizado. Não havia tempo para abrandar nem para distrações, estilo não-te-descalces-que-tens-que-ir-ao-petróleo. Destinavam-se as traduções, principalmente, ao Jornal Oficial da CEE (como então era conhecida a UE), a editar em versão portuguesa (toda a legislação da CEE a partir de 1958, ou seja, o que se denominou o «direito histórico», objeto de Edição Especial do Jornal Oficial⁽⁵⁾) para efeitos da adesão de Portugal, que veio a ocorrer em junho de 1985⁽⁶⁾.

Eu fazia as traduções manualmente, ou seja, sem PC — que não existiam e os animais ainda falavam e a Senhora de Fátima ainda fazia milagres a ritmo industrial, coisa que por agora vai rareando —, sem máquina de escrever. O trabalho prolongava-se por várias e extensas desoras — ainda que arremetidos fôssemos pela letargia pós-prandial —, com o pessoal de secretariado datilografando, corrigindo, eu e outros revendo, etc. E faziam-se toneladas de fotocópias, não sei porquê. Na sala da fotocopadora, local de reunião perfunctória e de conversas baratas e lhanas, encontrava assiduamente a Cristina, então muito jovem. E espanholas. A Espanha, além de dever muito ao grande arquiteto da Transición, Adolfo Suárez, tem a *tortilla*, o *jamón*, a zarzuela e os touros Miura⁽⁷⁾, e tem paletes de espanholas, pelo que é fácil encontrar sempre, pelo menos uma, a fotocopiar o que quer que seja.

Para além dos dicionários gerais, recorriámos aos dicionários especializados, alguns em português do Brasil... mas coisa pouca. Nas dúvidas de tradução ou de expressão em português (queríamos a todo o custo «defender» a matéria língua... e promovê-la, armados de falcatas e de cetras) recorriámos ao que entre nós se ia sabendo ou aprendendo, sendo certo que de Portugal poderia vir escassa ajuda; o desinvestimento na nossa língua, ao contrário de Espanha, não nos dava grande expectativa de, nas fontes do nosso país, encontrar solução para desalterar a nossa avidez de terminologias e equivalências. Era isto que, na inexperiência e ingenuidade de alguns, nos parecia ser a realidade. Uma «fonte» a que em certos e específicos casos recorria eram as listas telefónicas nacionais na sua edição «páginas amarelas». Isto pode parecer ridículo hoje, quatro décadas volvidas, mas, com equivalências em vários idiomas, a coisa dava — poucas vezes, é certo — jeito. Enfim, uma espécie de prata da casa, a tudo se acorrendo, com atenção para não se resvalar tipo agarra-te-ao-corrimão-que-a-escada-é-de-caracol.

Assinalo que, num quadro de atribuições de grande latitude, se traduziam, além dos textos destinados ao Jornal Oficial (JO) imensos documentos do dia a dia, como cartas, relatórios, e assim por diante com tudo o que possam imaginar. E ainda participávamos como conferencistas (pelo menos eu) em variadíssimas sessões de receção e debate com visitantes vindos de instituições públicas portuguesas (v.g. o então Instituto de Altos Estudos Militares), atenta a novidade e curiosidade em torno da matéria europeia. Foram bons, «heroicos», tempos, esses de 1983/1984/1985.

Logo no início houve também uns seminários de informação em Bruges para os «pioneiros» (nós e alguns espanhóis). No pequeno hotel confortável e acolhedor, enquanto o frio invernosso percorria as ruas de fevereiro de 83: na rádio, saudade por quem tinha deixado em Portugal, Sacha Distel com êxito de 1982 «*Ma femme*»⁽⁸⁾.

A páginas tantas, foi-me entregue (a mim e a mais dois ou três) a tradução e revisão de textos para o JO em matéria aduaneira (milhares de páginas). Muitas páginas eram traduzidas no exterior, em tradução *freelance*. Aprendi muito. E apercebi-me, como se fosse necessário, da complexidade da área, onde pude trabalhar, nas múltiplas deslocações à Direção-Geral das Alfândegas de Portugal, em Lisboa, para efeitos de se afinar a terminologia aduaneira/nomenclatura a utilizar na versão portuguesa do JO, com funcionários nacionais de significativa qualidade e muitos anos de tarimba que vinham já do tempo da outra Senhora.

Ele houve coisas curiosas. As pautas aduaneiras na sua nomenclatura das mercadorias são um poço de surpresas terminológicas, como se a realidade material, nos seus meandros mais estranhos, ali estivesse toda plasmada. Estou certo de que, à sua maneira e na sua mecânica, as pautas aduaneiras (ou melhor: a nomenclatura pautal) são uma peça de poesia.

A certa altura (aqui vai uma pequena confidência, que vale apenas pelo pitoresco, mas que, obviamente, tinha o relevo que tinha o penteado do domador de leões Pedro Ivanoff), nas reuniões com as Alfândegas portuguesas surgiu a «dúvida» de como denominar em português os *soutiens*, peça de vestuário feminino. As Alfândegas, creio, mas não estou certo, na senda de uma tradição forjada em anteriores acordos internacionais aduaneiros de que Portugal fazia parte (v.g. Convenção para a Criação de Um Conselho de Cooperação Aduaneira de 1950⁽⁹⁾, ratificada por Portugal em 1953) «queriam» que, na pauta aduaneira da CEE (nomenclatura de mercadorias), ficasse o termo «suspensórios para seios» como tradução de «*soutiens-gorge*». Isto, também numa linha de expurgar os textos legais de termos estrangeiros, substituindo-os pelos de cepa nacional. Lá os «convenci», sem qualquer zaragata ou aranzel, aliás, de que a coisa não podia ser assim. Os seios, em que Ramón Gómez de la Serna é autor instruído, mereciam mais. E acabou por ficar, e creio que ainda assim é, *sutiãs*⁽¹⁰⁾... mais condizente com a matéria, pois de outro modo os contemporâneos não me perdoariam a constância de outra solução, que não esta com um quase perfume parisiense... embora *soutiens* fosse mesmo *parisien*... A vida tem disto.

Mas, após esses meses primitivos, foram admitidos estagiários (jovens licenciados) para, na sequência de umas provas, poderem participar na tradução do acervo legislativo comunitário, a que o nosso país iria ficar vinculado. Pelo meu lado, fui um dos formadores de alguns desses estagiários, que mais tarde, após concursos públicos de admissão, se tornaram alguns funcionários das Comunidades Europeias.

Eu, agente temporário com contratos anuais que se renovaram até à data da adesão, fiz concurso de admissão a funcionário e, *Deo gratias*, por lá fiquei⁽¹¹⁾.

O Farrusco, retromencionado e nascido em Aalst, a Kénia⁽¹²⁾ e o Macau davam extensos passeios comigo nos bosques cerca da nossa casa. A Indy⁽¹³⁾ veio mais tarde. O gato Jacinto ficava a olhar-nos com a imperturbável insolência felina. Envelheceram, adoeceram, ficámos sem eles.

O tempo e os ventos perpassaram pela folhagem do bosque e por nós. Nunca mais ali voltámos.

Luis.f.sabino@gmail.com

(1) A coisa começou com o pedido de adesão de Portugal às Comunidades em 28/3/1977 (era primeiro-ministro Mário Soares), seguiu-se o parecer favorável da Comissão em 19/5/1978 e pronúncia favorável do Conselho semanas depois. Note-se que o Parlamento Europeu, por resolução de novembro de 1982 propugnava a adesão de Portugal (e Espanha) em 1 de janeiro de 1984... Grande parte dos documentos relativos à adesão de Portugal pode ser consultada, i.a., na publicação *60 Anos de Europa — Os Grandes Textos da Construção Europeia*, Parlamento Europeu, Gabinete em Portugal, novembro 2008, https://www.europarl.europa.eu/portugal/resource/static/files/pdfs/60AnosEuropa_VersaoDownload.pdf.

Em princípios de 1982, a Comissão das Comunidades Europeias publicou no semanário *Expresso* um anúncio de recrutamento de juristas-linguistas agentes temporários para a Comissão Europeia. O escopo era constituir uma secção de tradução portuguesa — ou melhor: de tradução para português — da legislação comunitária a que Portugal ficaria adstrito no momento da adesão.

Respondi, aceitaram-me (a par de muitos outros) para fazer provas escritas em abril desse ano (que decorreram no então Instituto Nacional de Administração (INA) em Oeiras). Essas provas consistiam em traduções a partir do inglês, do francês e do alemão (creio que havia que optar por duas línguas) e em redigir um projeto em português de um regulamento de uma instituição do ambiente.

Fui admitido à prova oral que decorreu em Bruxelas (em junho de 1982). Tendo sido aprovado, fui convocado para uma entrevista em Bruxelas, na Comissão das Comunidades Europeias em outubro de 1982, momento em que foi fixada a minha entrada ao serviço para janeiro de 1983. E pronto, assim foi.

V. «*Il est bien court le temps des cerises*» in «a folha» n.º 42, verão de 2013, pág.3,

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha42_pt.pdf.



(2)

Também em 1983, no plano internacional (França, Mitterand; Reino Unido, Margaret Thatcher, Alemanha, Helmut Kohl; EUA, Ronald Reagan; Espanha, Felipe González; URSS, Yuri Andropov; Itália, Amintore Fanfani): a crise dos euromísseis. Há muita literatura sobre essa crise, que assustou muita gente, com razão. V. por exemplo:

Jones, N., Hoffman, S. E., «Newly released documents shed light on 1983 nuclear war scare with Soviets», *The Washington Post*, 17.2.2021,

https://www.washingtonpost.com/national-security/soviet-nuclear-war-able-archer/2021/02/17/711fa9e2-7166-11eb-93be-c10813e358a2_story.html;

Martins, V., *La crise des euromissiles de 1977-1982*, Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE), 2016,

<https://www.cvce.eu/collections/unit-content/-/unit/56d70f17-5054-49fc-bb9b-5d90735167d0/612c9803-a7d2-422d-9ab0-f3e1ca766004>.

(3) «Ela trabalhava na Siemens» in «a folha», n.º 41, primavera de 2013, pág. 4,

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha41_pt.pdf.

(4) O Farrusco na praia (foto de família)



(5) Por exemplo, o Regulamento n.º 1 que estabelece o regime linguístico da Comunidade Económica Europeia, de 1958: <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CONSLEG:1958R0001:20130701:PT:PDF>.

(6) «A partir da adesão, as disposições dos Tratados originários e os atos adotados pelas instituições das Comunidades antes da adesão vinculam os novos Estados-Membros e são aplicáveis nestes Estados nos termos desses Tratados e do presente Ato» — artigo 2.º do Tratado de junho de 1985* — pelo que, claro, todas essas disposições deviam ser traduzidas para português... legítimo.

* Ato Relativo às Condições de Adesão do Reino de Espanha e da República Portuguesa e as Adaptações dos Tratados, <https://files.dre.pt/1s/1985/09/21501/00010359.pdf>.

Sobre tradução e outros problemas, v. «Da influência dos eletrodomésticos» in «a folha» n.º 36, verão de 2011, pág. 11,

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha36_pt.pdf.

(7) Ganadería Miura, <https://www.ganaderiamiura.com/>.

(8) YouTube, *Sacha Distel - Ma femme*, Sacha Distel Oficial, <https://youtu.be/vxH1bfcUqWw>.

(9) Decreto-Lei n.º 39006, de 24 de novembro - Aprova, para ratificação, a Convenção para a Criação de Um Conselho de Cooperação Aduaneira e Anexo, assinados em Bruxelas em 15 de dezembro de 1950,

<https://files.dre.pt/1s/1952/11/26400/11711186.pdf>.

⁽¹⁰⁾ 6212 — Sutiãs, cintas, espartilhos, suspensórios, ligas e artigos semelhantes, e suas partes, mesmo de malha:

6212 10 — — Sutiãs e sutiãs de cóis alto (bustiês):

6212 10 10 — — Apresentados em sortidos acondicionados para a venda a retalho, que contenham um sutiã ou um sutiã de cóis alto e umas calcinhas, <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:01987R2658-20210101>.



⁽¹¹⁾ — Eu com os miúdos em 1987. Meses após o relatado «Baía de Cascais» in «a folha», n.º 45, verão de 2014, pág. 12, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha45_pt.pdf.

⁽¹²⁾ Que comigo compartilhou uma aventura «Après-midi en Forêt», in «a folha» n.º 27, verão de 2008, pág.10, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha27_pt.pdf.

⁽¹³⁾ V. nota de rodapé n.º 8, pág. 8, crónica «Como a rola ninguém canta» in «a folha» n.º 47, primavera de 2015, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha47_pt.pdf.



Ser ou não ser avec

Raúl Reis
Serviço de Publicações

Inscribi-me no Clubhouse. Quero dizer, a Suzana deu-me cabo da cabeça durante dois dias até me convencer a abrir uma conta.

Não, o Clubhouse não é um bar da moda ou um clube privado onde só entram membros, mas sim uma rede social.

Como muitas outras plataformas o fizeram no passado — o Facebook, por exemplo, começou assim — no período de lançamento o Clubhouse obrigou quem queira inscrever-se a passar por um padrinho. Ou seja, alguém que já esteja lá dentro tem de nos convidar para podermos aderir.

A Suzana convidou-me. E não descansou enquanto não me inscrevi. Tens de lá ir. É o futuro. É altamente.

Fui ver. Descarreguei a *app* e, graças ao convite da Suzana, entrei no Clubhouse.

Para quem ainda não foi convidado pela Suzana ou por outro membro, fiquem a saber que esta rede social é como se fosse uma série de reuniões Zoom, mas sem imagem.

Eu explico melhor. Há quartos, ou salas, ou lá o que é (em inglês são *rooms*), onde se debatem distintos temas. Qualquer membro pode lançar um debate, criando a sua própria sala.

Como gosto de comunicação social, jornalismo, cinema, *marketing*, livros e afins disse à *app* que esses são os meus interesses.

Uns minutos depois comecei a receber alertas. O primeiro dizia que não sei quem estava a debater questões no domínio do jornalismo e a forma como os meios de comunicação cobriram a pandemia. Outro aviso dizia que noutra sala se conversava sobre os desafios do *marketing* no novo normal.

Entrei na sala em que se falava de jornalismo e a pandemia. Uma senhora, muito bem-falante, explicava que as «*paywalls* foram canceladas durante o confinamento». Afirmou que não sabia explicar se isso foi *clickbait* ou *whatever* ou ainda uma forma de atrair novos subscritores.

Fui ver o perfil da senhora. Trabalha em comunicação social e mora em Lisboa. Não vive em Londres, nem em Nova Iorque, mas usou mais palavras estrangeiras do que um emigrante de férias em Portugal em agosto.

Quando me deparo com tantos estrangeirismos tenho duas vontades: traduzir e insultar. Não necessariamente nesta ordem. Como sou bem-educado não insulto, mas traduzir dá-me gosto. Noutra vida fui tradutor e admito sentir um certo gozo por poder propor ao pessoal que diga acesso pago em vez *paywall* ou informá-los que subscritor é, em bom português, assinante.

Mas como era novo no Clubhouse, e ainda não conhecia as regras de etiqueta da casa, decidi seguir caminho.

Fui espreitar a tal sala onde se falava de *marketing*. Dei uma olhadela aos perfis dos participantes. Espantoso! Tanta gente interessante e com responsabilidades em grandes empresas portuguesas do setor.

Comecei a ouvir. Um senhor com sotaque cuidado dizia que a entrada de novos *players* e o crescimento do digital vão influenciar o recrutamento de *experts* da área de *marketing* e *sales*. Quase vomitei. Estava a preparar-me para levantar a mãozinha digital para pedir a palavra quando ele acrescentou que cresce a procura de perfis como *e-business*, *trade marketing* e *sales analyst*, mas também de gestores de categoria e *product managers*.

Pedi a palavra fazendo o meu melhor sotaque de emigrante em França. «*Bonsoir*, sou o Raúl, vivo em Luxemburgo com a minha *madame*, e fui agora ali levar a pubela mas estive sempre aqui a ouvir os *messieurs* já faz tempo e não compreendi *tout à fait* se o debate é em inglês ou português, mas vou ensaiar repetir o que ouvi para ver se foi isto que o *monsieur* que falou agora quis dizer».

E a seguir disse, no meu melhor português: «penso que o que quis dizer foi que a entrada de novos atores e o crescimento do digital vão influenciar o recrutamento de peritos na área de *marketing* e vendas. E depois explicou que cresce a procura de perfis tais como os de comércio eletrónico, *marketing* da distribuição e analista de vendas, mas também de gestores de categoria e de produto».

Foi isto que o senhor quis dizer?

O silêncio foi sepulcral. Ninguém abriu o microfone. Ninguém pediu a palavra. O moderador nada disse.

Decidi bater no ceguinho. Se eu tivesse dito essas expressões em francês, tinham todos ficado a pensar que eu era emigrante em França, ou seja, um *avec*, um emigra. Mas parece que o uso e abuso de inglês não levanta problemas nenhuns, e tão pouco perguntaram a este senhor se ele vive em Darwin ou Chicago.

Desculpem incomodar, mas era só isto, só queria salientar que existem palavras em português que querem dizer exatamente a mesma coisa que o senhor disse em inglês.

O senhor que tinha usado os 70 anglicismos por metro quadrado decidiu defender-se. Caro Raúl, a gente não se conhece, mas apreciei o seu humor. Mas olhe que há expressões no *marketing*, e sobretudo no *marketing*, que infelizmente só se podem dizer em inglês e, entre nós, profissionais do ramo, entendemo-nos melhor assim.

Disse-lhe que tinha pena que assim fosse e que não estava convencido. Que a inserção de duas palavras em inglês em cada frase me parecia mais uma forma de excluir ou, então, de mostrar que se pertence a um setor de atividade quase como se fosse uma seita.

Afinal, os anglicismos no *marketing* são como o verbo do pedreiro: uma língua que só eles percebem para que mais ninguém saiba do que estão a falar.

No nosso caso, emigrantes, a mistura de línguas não é nem pretensão, nem exclusão, nem serve para nos armarmos em carapaus de corrida. Acontece simplesmente porque somos bilingues (ou mais). Mas nós temos outra vantagem: percebemos o significado e o sentido das palavras que utilizamos...

antonio.reis@publications.europa.eu



Um aparte à parte (X)

Jorge Madeira Mendes
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Não diga «O distrito X, *graças à* subida do rio, é o que mais preocupa as autoridades».

Diga «O distrito X, **devido à** subida do rio, é o que mais preocupa as autoridades».

Explicação:

Não faz qualquer sentido dar graças numa situação como esta.

Expressões como «*graças a*» ou «*em virtude de*» devem utilizar-se em situações positivas.

Por exemplo: «*Graças à* ajuda dos pais, o rapaz conseguiu comprar casa própria»; ou «*Em virtude da* meteorologia favorável, o ano agrícola foi bom».

Numa situação adversa, como a subida de um rio a lançar preocupações, o melhor é utilizar termos neutros (isto é, termos que tanto se aplicam a situações positivas como negativas).

No caso vertente:

«O distrito X, **devido à** subida do rio, é o que mais preocupa as autoridades»

«O distrito X, **em consequência da** subida do rio, é o que mais preocupa as autoridades»

jorge.mendes909@gmail.com



A Ucrânia e os Filipes...

João Miranda

Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

O nome próprio Filipe, de consonância grega, que tantos monarcas e príncipes deu à Europa (inclusive, embora a contragosto, a Portugal...), popularizou-se na Europa ocidental através de uma longa sucessão iniciada no séc. XI graças a uma... ucraniana, Ana de Kiev, rainha de França — ou melhor, dos francos — pelo seu casamento com o capeto Henrique I.

O filho de ambos, assim batizado não em honra do famoso rei da Macedónia mas do santo apóstolo, do qual a rainha era bastante devota, foi o primeiro Filipe que reinou no Ocidente (embora os bizantinos tivessem já tido o seu lote deles...) e o primeiro europeu ocidental a ostentar tão nobre prenome.

Como seria de esperar, o filho deste, Luís VI, batizou o seu primogénito com o nome do avô. Este Filipe, contudo, não chegou a ser segundo, pois, embora fosse ungido em vida do pai, não lhe sobreviveu, tendo-lhe sucedido o irmão Luís VII. O qual, por seu turno, teve um primogénito que lhe sucedeu como Filipe II (dito «Filipe Augusto»).

O seu neto Luís IX («S. Luís») batizou o filho e sucessor, Filipe III, em honra desse seu antepassado. Filipe IV, dito «O Belo», herdou o nome do pai e passou-o a um dos seus filhos que reinaram sucessivamente.

Extinto o tronco principal dos Capetos, a coroa de França foi herdada por Filipe VI de Valois, que assim se chamava em honra de seu avô, o já referido Filipe III. E é altura de este nobre nome se desviar (embora não definitivamente) da casa real francesa e partir para outros voos, mais europeus.

Em 1363, o rei João II («O Bom»), filho e sucessor de Filipe VI, resolve doar o ducado de Borgonha a seu filho Filipe, dito «O Audaz» — personagem central na guerra civil francesa imbricada na guerra dos Cem Anos —, que, através de uma política de casamentos mais tarde prosseguida pelos seus familiares Habsburgos, deixa ao filho João («Sem Medo») e ao neto Filipe («O Bom») um quase Império que vai do mar do Norte ao Jura.

O filho deste e da portuguesa Isabel de Avis, não tendo filhos varões, não pôde transmitir-lhes o nome do pai; mas eis que a sua filha Maria casa com o imperador Maximiliano I (também de «sangue» português) e o casal resolve batizar o seu filho primogénito em honra do bisavô borgonhês.

A partir daí, pelas ironias da História (ou do destino?...), o grego nome é «capturado» pelo reino de Castela, com cuja herdeira este Filipe (dito «O Belo», tal como o seu longínquo tio francês...) casou. E chegamos assim aos nossos detestados (mas nem sempre com razão...) Filipes. O primeiro destes que reinou em Portugal chamava-se assim em honra do avô paterno e transmitiu o nome ao seu filho e neto, bem como a dois bisnetos, um espanhol (que morreu na infância mas continua bem vivo num retrato de Velázquez...) e um francês, irmão do «Rei-Sol», através do qual o helénico prenome regressou às origens gaulesas, embora, por enquanto, através de um ramo secundário (bom, o filho e homónimo deste último foi regente), aguardando voos mais altos em 1830...

Mas não se pense que a Espanha disse a última palavra. Quando o Rei-Sol decidiu que o seu segundo neto, nascido em 1683, se chamasse Filipe, em honra do seu tio-avô francês e dos seus bisavô e trisavô espanhóis, mal sabia que, 17 anos mais tarde, seria aclamado rei de Espanha com o nome de Filipe V. Enfim, seria sol de pouca dura (embora um dos seus filhos se chamasse também Filipe, não passou de duque de Parma). No país vizinho, seria preciso esperar pelo século XXI para que o hípico nome — que, agora, toda a Europa bem-pensante escreve com dois *e* — voltasse a emergir coroado de realeza...

Regressando a França, eis que um Luís Filipe, filho de um Filipe revolucionário e neto e bisneto de outros Filipes já mencionados, cinge a coroa em 1830. Mas também não criou raízes, pois foi destronado 18 anos mais tarde pelo segundo (terceiro?) e último Napoleão.

Um dos últimos Filipes (também Luís, em homenagem simultânea ao avô português e ao bisavô francês) morreu ingloriamente com seu pai junto ao Terreiro do Paço, numa tarde de fevereiro de 1908... Se tivesse sobrevivido e herdado o Trono, poderia ainda reinar quando nasceu o autor destas linhas (que teve um tio-avô homónimo de todas as referidas personagens)...

joao.miranda@ec.europa.eu



Se não é verdade, é bem achado — cores e pontos cardeais

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Vários mares e rios têm nomes de cores. As explicações mais frequentes ou populares falam de transporte de sedimentos, que dão temporária ou permanentemente a esses corpos de água cores avermelhadas, azuladas, esverdeadas, esbranquiçadas, amareladas, enegrecidas. Se não são os sedimentos, será uma eventual eflorescência de algas ou o reflexo de um céu limpo ou encoberto com nuvens mais claras ou mais escuras. Há, porém, outras hipóteses de explicação, como a associação, em certas culturas, de cores a pontos cardeais.

Eurásia

Na **cultura chinesa** e, por arrasto, noutras culturas norte-eurásias como, por exemplo, a turcomana ou a japonesa, há cores associadas aos pontos cardeais (e ao centro):



- oeste (O) — branco
- norte (N) — negro
- este (E) — azul/verde
- sul (S) — vermelho
- centro — amarelo

Esta associação encontra-se, designadamente, na simbologia dos dragões chineses, guardiães dos pontos cardeais:

Dragões azuis e verdes simbolizam a chegada da primavera, evocando o céu claro e as novas plantas que a estação traz. Tais cores também são representativas do leste e indicam os dragões orientais. (...)

Dragões negros são associados ao inverno e ao norte, enquanto os **brancos** representam o outono e o oeste. (...)

Dragões amarelos são chamados de «superiores» e «os mais venerados dos dragões», pois representam o imperador e a família imperial. (...)

O **dragão vermelho** é associado à sorte, ao fogo, à paixão e ao coração. É o dragão do verão e do sul.⁽¹⁾

Em termos de toponímia, na Manchúria, no norte da China, situa-se a província de 黑龙江, ou **Heilonguião**, literalmente o rio do Dragão Negro, rio que no Ocidente é mais conhecido como rio Amur. No extremo leste da Sibéria, na antiga Manchúria Exterior, próximo da foz do rio Amur, situa-se a **ilha Sacalina**. Em manchu, o rio Amur chama-se rio Negro (Sahaliyan ula) e a Sacalina chama-se a

ilha da foz do rio Negro (Sahaliyan ula angga hada). Etimologicamente a ilha Sacalina é, assim, a ilha Negra. No centro da China, situa-se o 黄河, ou **rio Amarelo**, que nasce nas montanhas de Cuenlum, limite norte do planalto do Tibete e desagua no 黄海, ou **mar Amarelo**, após atravessar o planalto de Loesse (descrevendo o grande meandro de Ordos) e a grande planície do Norte da China⁽²⁾. Também no centro da China, na província de Anuei, ficam as 黄山, ou **montanhas Amarelas**. Bem ao sul da China, situa-se o 红河, ou rio **Vermelho**, que nasce na província de Iunão e desagua em delta já no Vietname, no golfo de Tonquim.

Mais para o outro extremo da Eurásia, a ocidente da Rússia, situa-se a **Bielorrússia**, literalmente Rússia Branca. Sendo essa designação anterior à guerra civil russa pós-revolução bolchevique, em que se enfrentaram russos brancos e russos vermelhos, uma hipótese é que o branco de Rússia Branca signifique ocidental, limite das invasões mongóis ou tártaras que subjugaram a generalidade das terras de Rus, dos eslavos de leste. Falando de invasões mongóis, há ainda a **Horda de Ouro**, cujos limites este e oeste eram designados, segundo algumas fontes, por **Horda Azul** e **Horda Branca**.

Mediterrâneo

No Próximo Oriente, há o mar Branco, o mar Negro e o mar Vermelho. Não é em português nem nas línguas da União Europeia, onde apenas há um mar Negro e um mar Vermelho, mas é-o em turco, onde o Mediterrâneo é o Akdeniz — literalmente, **mar Branco** —, e em árabe, onde é o al-Baḥr al-Abyad al-Muttawasit (البحر الأبيض المتوسط) — literalmente, **mar Branco do Meio**. Os nomes turco e árabe do Mediterrâneo parecem ganhar outra lógica quando se sabe que a norte do Mediterrâneo Oriental fica o **mar Negro** — também negro em turco e árabe (Karadeniz e البحر الأسود, al-Baḥr al-'Aswad) — e a sul fica o **mar Vermelho** — também vermelho em turco e árabe (Kızıldeniz e البحر الأحمر, al-Baḥr al-'Aḥmar).

Efetivamente, para povos originários da Ásia Central ou da península Arábica, o Mediterrâneo situa-se a ocidente. No *Antigo Testamento*, o Mediterrâneo designava-se Grande Mar, mar Ocidental ou mar dos Filisteus.

Os escritores bíblicos não usavam apenas o nome «Grande Mar» (Jos 1:4; 9:1, 2; 15:12, 47; 23:4; Ez 47:15, 19, 20; 48:28), mas referiam-se a ele também por outros termos abrangentes. Para eles, esta massa de água era «o mar ocidental», visto que constituía a fronteira ocidental da terra dada por Deus (De 11:24; 34:1, 2). Da posição de Jerusalém, era encarado como «o mar ocidental», em contraste com «o mar oriental», isto é, o Mar Morto (Jl 2:20; Za 14:8). Ou era chamado de «o mar dos filisteus» (Êx 23:31) ou simplesmente de «o Mar». — Núm 34:5.⁽³⁾

O topónimo **Mediterrâneo** só surgiu depois da queda do império Romano, tempo em que se utilizavam as designações mare Magnum, mare Nostrum ou mare Internum. Antes, já os gregos lhe haviam chamado simplesmente ἡ θάλασσα, o Mar ou ἡ μεγάλη θάλασσα, o Grande Mar. Durante o império Romano, o **mar Negro** ainda não era negro, era o Pontus Euxinus, do grego antigo Εὐξεινος Πόντος (mar hospitaleiro), que anteriormente o designou Πόντος Ἀξεινος (mar inóspito). Pelo contrário, o **mar Vermelho** (mar Roxo⁽⁴⁾ ou seio Eritreu⁽⁵⁾ n'Os *Lusíadas*) já era vermelho no tempo de gregos e romanos, Ερυθρά Θάλασσα (mar Eritreu⁽⁶⁾), em grego, e mare Rubrum ou sinus Arabicus (golfo Arábico), em latim.

Mais para sul, em pleno continente africano, subindo o curso do Nilo até Cartum, no Sudão, chega-se à confluência do **Nilo Branco**, ou an-Nīl al-'Abyad (النيل الأبيض), a ocidente, e do **Nilo Azul**, ou an-Nīl al-'Azraq (النيل الأزرق), a oriente. Mais uma coincidência?⁽⁷⁾

Mesmo que não seja verdade, esta hipótese de topónimos derivados de cores associadas aos pontos cardeais é bem achada.

correiapms@gmail.com

- (1) Marroquin, B., «O que significam as cores dos dragões chineses?» *eHow Brasil*, 20.11.2021, https://www.ehow.com.br/significam-cores-dragoes-chineses-info_356893/.
- (2) Atualmente, o rio Amarelo desagua a norte da península de Xantum, mas historicamente já desaguou bem mais a sul. Cf. Wikipédia, *Yellow River*, https://en.wikipedia.org/wiki/Yellow_River#/media/File:Yellow_River_course_changes.gif.
- (3) Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, *Biblioteca Online da Torre de Vigia — Grande Mar*, <https://wol.jw.org/pt/wol/d/t5/lp-t/1200001763>.
- (4) «E vereis o mar Roxo, tão famoso, / Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado», Camões, L. V. de, *Os Lusíadas*, Canto II, <https://oslusiadas.org/ii/49.html>.
- (5) «Lá no seio Eritreu, onde fundada / Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu», Camões, L. V. de, *Os Lusíadas*, Canto IX, <https://oslusiadas.org/ix/2.html>.
- (6) O mar Eritreu dos gregos poderia referir-se também ao mar Árábico ou mesmo ao oceano Índico.
- (7) Porém, fora destas influências orientalizantes, acabam-se as coincidências. É o caso, mais a ocidente, no Burquina Fasso, do rio Volta, batizado pelos portugueses. Aí, os afluentes são o Volta Negro (ou Mouhoun), a ocidente, o Volta Branco (ou Nakambé), a leste, e o Volta Vermelho (ou Nazinon), ao centro.



Indomalásia e Wallaceia — regiões e sub-regiões biogeográficas

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

O Indostão, a Indochina, a Insulíndia e a Australásia são bem conhecidos dos livros de Geografia, mas a **Indomalásia** (região biogeográfica) sê-lo-á menos, e a **Wallaceia** ainda o será menos.

Geografia física e política

O **Indostão** é a península asiática situada a sul do Himalaia, entre o mar Árábico, a ocidente, e o golfo de Bengala, a oriente. Etimologicamente, o Indostão é a terra do Indo ou dos hindus, por vezes, aplicando-se apenas a região do norte da Índia. A **Indochina** é a península asiática situada entre o golfo de Bengala, a ocidente, e o golfo de Tonquim, a oriente. O topónimo (sem hífen) pretende representar a influência simultânea das culturas indiana e chinesa na zona. Já a **Insulíndia** é o conjunto de arquipélagos da Indonésia às Filipinas, refletindo o topónimo o seu caráter insular e a influência cultural indiana na região. A influência indiana na Insulíndia está bem patente nalguns topónimos locais com origem no sânscrito, como Singapura («cidade do leão») ou Seri Begauã («aura dos deuses»).

Na hipertoponímia regional de raiz anglo-saxónica hoje preponderante, o Indostão é o Subcontinente Indiano ou Ásia do Sul, a Indochina é o Sudeste Asiático continental e a Insulíndia (também historicamente designado por Índias Orientais) é o Sudeste Asiático insular. Por vezes, a Malásia peninsular (península de Malaca) é considerada como fazendo parte do Sudeste Asiático insular. O Indostão situa-se na placa tectónica indiana; tanto a Indochina como a Insulíndia se situam na placa tectónica eurasiática.

A **Australásia** é um conceito geográfico nem sempre bem definido, mas que inclui sempre a Austrália e a Nova Zelândia e na maioria das vezes também as ilhas da Melanésia, nomeadamente a Nova Guiné. A Australásia fica situada na placa tectónica australiana e é, convencionalmente, parte da Oceânia (que inclui também as ilhas da Polinésia e da Micronésia).

Indostão	Indochina	Insulíndia	Australásia
• Paquistão • Índia • Nepal • Butão • Bangladexe • Seri Lanca	• Birmânia • Tailândia • Malásia peninsular • Singapura • Laos • Camboja • Vietname	• Indonésia (exceto Nova Guiné) • Malásia insular • Brunei • Timor-Leste • Filipinas	• Austrália • Nova Zelândia • Melanésia

Biogeografia

(...) a shallow sea connected the great islands of Sumatra, Java, and Borneo with the Asiatic continent, with which their natural productions generally agreed; while a similar shallow sea connected New Guinea and some of the islands adjacent to Australia, all being characterized by the presence of marsupials.

We have here a clue to the most radical contrast in the [Malay] Archipelago, and by following it out in detail I have arrived at the conclusion that we can draw a line among the islands, which shall so divide them that one-half shall truly belong to Asia, while the other shall no less certainly be allied to Australia. I term these respectively the Indo-Malayan, and the Austro-Malayan divisions of the Archipelago.⁽¹⁾

Alfred Russel Wallace, com os seus trabalhos pioneiros incluídos no *The Malay Archipelago*, de 1869, foi dos primeiros a chamar a atenção para as importantes diferenças de profundidades do mar entre grupos de ilhas da Insulíndia e para as diferenças na fauna e na flora nativa daí resultantes, mesmo em ilhas vizinhas como Bali e Lomboque ou Bornéu e Celebes. Entre essas ilhas, pelo meio da Insulíndia, passa a **linha de Wallace**, que, separando regiões com mares menos profundos ou mais profundos, marca a fronteira entre dois reinos ou **regiões biogeográficas terrestres** distintas nas quais os organismos evoluíram em relativo isolamento por longos períodos de tempo:

- a noroeste, a **Indomalásia**, composta pelo Indostão, a Indochina e o noroeste da Insulíndia, e
- a sudeste, a **Australásia**, composta pela Austrália, Nova Zelândia, ilhas da Melanésia e a parte oriental do arquipélago indonésio (incluindo a ilha de Celebes, as ilhas Molucas e as Pequenas Ilhas de Sunda).

A explicação para esta fronteira biogeográfica está na **paleogeografia** do tempo das grandes glaciações, quando o nível do mar era muito mais baixo do que é atualmente. Havia então uma grande **península da Sunda** (ou Sundalândia)⁽²⁾, incorporando a península de Malaca e as ilhas da parte ocidental da atual Insulíndia (Samatra, Java, Bali, Bornéu e Filipinas), ligadas por pontes terrestres, como prolongamento da atual península da Indochina e limitada pela linha de Wallace. Havia também, mais a sudeste, o **continente de Saul**⁽³⁾, englobando a Austrália, Tasmânia, Nova Guiné e Aru, também ligadas por pontes terrestres. Entre estas antigas massas continentais e atuais plataformas continentais menos profundas de Sunda e Saul situavam-se, e situam-se, em mares mais profundos, as ilhas do sudeste da atual Insulíndia (Celebes, Molucas e pequenas ilhas da Sunda), coletivamente designadas **Wallaceia** (ou Austromalásia) e zona de transição.

Elefantes-asiáticos na península de Malaca, Samatra e Bornéu, mas não na Celebes. Marsupiais, aves-do-paráiso e eucaliptos na Nova Guiné e Austrália, mas também nas Molucas e Celebes. As **antigas pontes terrestres** dentro da Sunda, por um lado, e dentro de Saul, por outro, explicam os padrões de **distribuição de espécies similares**, tanto zoológicas como botânicas, entre massas terrestres atualmente isoladas. As ilhas da Wallaceia são uma **sub-região biogeográfica** de transição.

península da Sunda	continente de Saul	arquipélago da Wallaceia
• península de Malaca • grandes ilhas da Sunda (Samatra, Java, Bali e Bornéu) • ilhas Filipinas (parcialmente)	• Austrália • Tasmânia • Nova Guiné • Aru	• Celebes • Molucas • pequenas ilhas da Sunda (por exemplo, Timor)
parte da Indomalásia	Australásia	

A **linha de Wallace** é a linha que separa as ilhas da Insulíndia entre, por um lado, as ilhas situadas na plataforma continental da Sunda (Samatra, Java, Bali, Bornéu e Filipinas) e, por outro lado, as ilhas do sudeste da Insulíndia (Celebes, Molucas e pequenas ilhas da Sunda). A **linha de Lydekker** separa a Celebes, Molucas e pequenas ilhas da Sunda, de um lado, da Nova Guiné, Aru e Austrália, de outro. Entre a linha de Wallace e a linha de Lydekker situa-se a **Wallaceia**, zona de transição entre as regiões biogeográficas da Indomalásia e da Australásia. A Wallaceia é composta pela Celebes, as Molucas e as pequenas ilhas da Sunda. Segundo vários autores, entre os quais Paulo Paixão, a Wallaceia, embora estando na placa tectónica eurasiática, integra-se na Australásia.

Wallaceia — sub-região zoogeográfica da Australásia, formada pela parte oriental do arquipélago indonésio (Celebes, Molucas e Pequenas Ilhas de Sunda), entre as Grandes Ilhas de Sunda e a ilha da Nova Guiné, que constitui uma zona de transição entre a fauna indomalaia (a oeste), da qual está separada pela linha de Wallace, e a restante fauna australasiática (a leste), da qual está separada pela linha de Lydekker; assim denominada em homenagem ao explorador, naturalista e geógrafo Alfred Russel Wallace⁽⁴⁾

A fronteira biogeográfica entre a Indomalásia e a Australásia acima apresentada é a adotada no sistema do World Wildlife Fund (WWF). Noutro sistema, o de Miklos Udvardy, a Wallaceia é colocada na Indomalásia. Para Udvardy, a Australásia é a Austrália (com a Tasmânia). Já a Nova Guiné, Nova Caledónia e Melanésia oriental são colocados na Oceânia e a Nova Zelândia é colocada na Antártica. Para Wallace, a Australásia (ou Austrália) incluía também as ilhas do Pacífico.

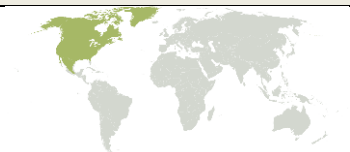
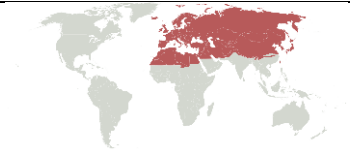
Outras regiões biogeográficas

As regiões ou reinos biogeográficos são grandes zonas da superfície terrestre nas quais os organismos evoluíram numa biogeografia compartilhada, separados uns dos outros por acidentes geográficos, tais como oceanos, grandes desertos ou grandes cadeias montanhosas, que constituem barreiras às migrações. As regiões ou reinos biogeográficos correspondem aos reinos florísticos da botânica ou regiões zoogeográficas da zoologia.

Há, segundo a classificação do WWF, um total de oito regiões biogeográficas. Além da Indomalásia (IM) e Australásia (AA), separadas pela linha de Wallace, o Atlântico separa o Neártico (NA) do Paleártico (PA). O Paleártico está separado do Afrotrópico (AT) pelos desertos do Sara e Arábia e da Indomalásia pela cadeia Hinducuxe-Caracórum-Himalaia. A fronteira entre Neártico, a norte, e Neotrópico (NT), a sul, é menos bem definida, passando no México. A Oceânia (OC) corresponde à Polinésia e Micronésia e o Antártico (NA) à Antártida. Em anexo a este artigo apresenta-se a constituição das diferentes regiões biogeográficas, bem como os respetivos adjetivos.

correiapms@gmail.com

Anexo: Regiões biogeográficas, adjetivos

	pt	en	adj.	IATE
 América do Norte até ao norte do México e Gronelândia	Neártico	Nearctic	neártico	
 Eurásia a norte do Himalaia e Norte de África	Paleártico	Palaearctic	paleártico	872381
 África Subsariana, Madagáscar, ilhas Mascarenhas e sul da Arábia	Afrotrópico	Afrotropic	afrotropical	
 Indostão, Indochina, China meridional e Insulíndia até à linha de Wallace	Indomalásia	Indomalaya	indomalásio	
 zona tropical do México e da Florida, América Central, Antilhas e América do Sul	Neotrópico	Neotropic	neotropical	3562406
 Austrália, Nova Zelândia, ilhas da Melanésia e parte oriental do arquipélago indonésio (incluindo a ilha de Celebes, as ilhas Molucas e as Pequenas Ilhas de Sunda)	Australásia	Australasia	australásio	923049
Polinésia (exceto Nova Zelândia), Micronésia e ilhas Fiji	Oceânia	Oceania	oceânico	47943
Antártida	Antártico	Antarctic	antártico	67094

Nota: o conjunto do Neártico e Paleártico designa-se **Holártico** (ou Boreal), sobretudo nos sistemas florísticos.

Nota: o conjunto do Afrotrópico (ou Etíope) e Indomalásia (ou Oriental) designa-se **Paleotrópico**, sobretudo nos sistemas florísticos.

Nota: a Indomalásia é um topónimo que inclui mais que a Índia e a Malásia, pelo que parece mais adequado do que a forma Indo-Malásia, com hífen (tal como Indochina e não Indo-China⁽⁵⁾); privilegia-se aqui o adjetivo indomalásio (de Indomalásia), afastando-se de «malaio»; sinónimos: indomalaio, indomalasiano, indomalasiático, indomalásico, indomalaico, indomalaiano

Nota: Australásia biogeográfica, diferente da Australásia geográfica; privilegia-se aqui o adjetivo australásio (de Australásia), afastando-se de «asiático»; sinónimos: australasiano, australasiático, australásico.

Nota: Oceânia ou Oceania

(1) Wallace, A. R., *The Malay Archipelago: The Land of the Orang-utan and the Bird of Paradise*, [http://wallace-online.org/converted/pdf/1890_MalayArchipelago_S715\[10th\].pdf](http://wallace-online.org/converted/pdf/1890_MalayArchipelago_S715[10th].pdf).

(2) As antigas bacias hidrográficas da península da Sunda estiveram na origem das jazidas de hidrocarbonetos na plataforma continental da Indonésia, Malásia e Brunei.

(3) Saul, do neerlandês Sahoel, nome de banco situado entre Timor e a Austrália. Dá nome à plataforma continental do mar de Timor onde é explorado o petróleo de Timor.

(4) Paixão, P., «Os Nomes Portugueses das Aves de Todo o Mundo: Projeto de Nomenclatura» in «a separata n.º 1»: suplemento d'«a folha» n.º 66 — verão de 2021, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha66_separata1_pt.pdf.

(5) Cf. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: indochinês*, <https://dicionario.priberam.org/indochin%C3%AAs>:

indo-chinês (indo- + chinês)

1. *adjetivo* Relativo simultaneamente à Índia e à China.

2. *adjetivo e nome masculino* Que ou quem tem origem ou nacionalidade indiana e chinesa.

indochinês (Indochina, topónimo + -ês)

1. *adjetivo* Relativo à Indochina, região do sudeste da Ásia.

2. *nome masculino* Natural ou habitante da Indochina.



Ucrânia — ficha de país

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Nesta ficha de país reúne-se informação terminológica relativa à Ucrânia que se encontra dispersa por vários documentos das instituições europeias.

O **ucraniano** (uk), língua eslava oriental, é a única língua oficial da Ucrânia⁽¹⁾. Apresenta-se em anexo a esta ficha uma tabela com o alfabeto cirílico ucraniano, a respetiva romanização (com base na ortografia inglesa), os símbolos fonéticos correspondentes às letras e exemplos de transliterações aproximadas em português. A Ucrânia tem ainda várias línguas minoritárias, algumas das quais foram cooficiais até 2014 em certas regiões: russo (ru), romeno (ro), húngaro (hu), tártaro crimeano (crh).

Impõe-se uma nota prévia relativa à **toponímia ucraniana**. Muitas regiões ucranianas e algumas cidades ou rios reconhecidos de mais longa data tinham já nome consagrado em português (mesmo antes da guerra que assola o país desde 2014), formado geralmente a partir do francês, língua de mediação que na toponímia da Ucrânia parte em geral das formas do russo. Outros topónimos mudaram recentemente em resultado de legislação que visa a proibição da propaganda de regimes totalitários, que prescreve a descomunicação da toponímia⁽²⁾. Outros ainda só agora estão a entrar no português, mas desta vez com mediação do inglês, tomando por base formas do ucraniano, mas com eventuais adaptações ortográficas pontuais que evitem em português pronúncias demasiado afastadas do original⁽³⁾. Por último, os topónimos que não adquirem nome português têm sido agora representados diretamente por transliteração do ucraniano para o inglês. Exemplos de topónimos:

- **Quieve** (Qui.e.ve — /kʲɪˈv(ə)/) — o exónimo, usado nos livros de História e Geografia para referir esta cidade com mais de 1500 anos de existência, terá entrado na língua portuguesa a partir do francês com a grafia **Kiev**, por transliteração do russo Киев (/ˈkʲiɪf/), mas com adaptação à fonologia do português. Embora a grafia Quieve esteja registada no *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa*, a grafia Kiev é predominante nos meios de comunicação social portugueses. O consagrado topónimo Quieve/Kiev mantém-se firme na comunicação social, mesmo em plena guerra. Nota-se, recentemente, a ocorrência da grafia **Kyiv**, por decalque da transliteração do ucraniano para inglês, pronunciada como Quive ou Quiive, por colagem ao novo exónimo britânico e americano Kyiv (/ki:v/) e pelo desconhecimento da real pronúncia ucraniana. Queíve (Que.i.ve — /kʲɪˈv(ə)/) ou mesmo Queio (Quei.o — /kʲɪˈj(ə)/) seriam possíveis aportuguesamentos a partir do ucraniano Київ (/ˈkʲijɪ/)⁽⁴⁾.

- **Dnipro** (/dn'ipru/) — aportuguesamento adotado pela comunicação social a partir do ucraniano Дніпро (ru: Днепр), novo nome da cidade de Дніпропетровськ (Dnipropetrovsk) (ru: Днепропетровск, Dniepropetrovsk). Para o rio mantém-se o nome já consagrado: **Dniepre**.
- **Zaporíjia** (/zapur'izje/) — aportuguesamento adotado pela comunicação social a partir do ucraniano Запоріжжя (Zaporizhzhia), em detrimento do aportuguesamento pouco consagrado Zaporójia, do russo Запорожье (Zaporozhye). A sequência *zh* (transliteração de ж) é substituída por *j* para evitar ser pronunciada como um *z*.
- **Carquive** — aportuguesamento adotado atualmente pela comunicação social a partir do ucraniano Харків (Kharkiv), embora o topónimo **Carcóvia** do russo Харьков tenha historicamente largo uso em textos portugueses. A sequência *kh* (transliteração de х) é aqui simplificada em *c*.
- **Kryvyi Rih** — transliteração do ucraniano Кривий Ріг (ru: Кривой Рог, Krivoy Rog).

UCRÂNIA (IATE: 861209)

CAPITAL: Quieve (grafia proposta) / Kiev (grafia atual)

GENTÍLICO/ADJETIVO: ucraniano(s)/a(s)

MOEDA: grívnia (grafia proposta) / hryvnia (grafia atual)

SUBDIVISÃO: copeque (grafia proposta) / kopiya (grafia atual)

Principais cidades: Quieve, Carcóvia, Odessa, Dnipro, Donetsk, Zaporíjia, Levive, Kryvyi Rih
 Serras: Chernogora (Goverla — 2061m)
 Rios: Dniepre, Dniestre, Bug, Donets
 Mares: Azove (mar de), Odessa (golfo de)
 Ilhas: Serpentes

Subdivisões administrativas

#	uk	pt	en	ru	IATE
24	область	província	province	область	
1	Автономна Республіка	república autónoma	autonomous republic	Автономная Республика	
2	місто зі спеціальним статусом	cidade com estatuto especial	city with special status	Город со специальным статусом	
136	район	distrito	raion	район	

Regiões administrativas

Na generalidade dos casos, o nome das **províncias** ucranianas coincide com o nome da sua cidade capital. Em baixo, a negrito apresentam-se propostas de grafia de topónimos em português (cf. critérios de adaptação enunciados na nota de fim de texto número 3).

	uk	pt	en	ru	IATE
UA-71	Черкаси	Chercássi	Cherkasy	Черкасы	3627182
UA-74	Чернігів	Cherniguive	Chernihiv	Чернігов	3627180
UA-77	Чернівці	Chernivtsi	Chernivtsi	Черновцы	3627186
UA-12	Дніпропетровськ ⁽⁵⁾	Dnipropetrovsk	Dnipropetrovsk	Днепропетровск	3593060
UA-14	Донецьк	Donetsk	Donetsk	Донецк	3557144
UA-26	Івано-Франківськ	Ivano-Frankivsk	Ivano-Frankivsk	Ивано-Франковск	3627191
UA-63	Харків	Carquive	Kharkiv	Харьков	3593034
UA-65	Херсон	Quérson	Kherson	Херсон	3627179
UA-68	Хмельницький	Khmelnyskyi	Khmelnyskyi	Хмельницкий	3627183
UA-35	Кіровоград ⁽⁶⁾	Quirovogrado	Kirovohrad	Кировоград	3627190
UA-32	Київ	Quieve	Kyiv	Киев	924714
UA-09	Луганськ	Lugansk	Luhansk	Луганск	3562880
UA-46	Львів	Levive	Lviv	Львов	3581764

UA-48	Миколаїв	Micolaíve	Mykolaiv	Никола́ев	3627174
UA-51	Одеса	Odessa	Odessa	Одесса	3593036
UA-53	Полтава	Poltava	Poltava	Полтава	3627181
UA-56	Рівне	Rivne	Rivne	Ровно	3627188
UA-59	Суми	Sume	Sumy	Сумы	3627184
UA-61	Тернопіль	Tarnopol	Ternopil	Терно́поль	3627194
UA-05	Вінниця	Vinítsia	Vinnytsia	Вінница	3627176
UA-07	Волинь ⁽⁷⁾	Volínia	Volyn	Волынь	—
UA-21	Закарпаття ⁽⁸⁾	Transcarpácia	Zakarpattia	Закарпа́тья	—
UA-23	Запоріжжя	Zaporíjia	Zaporizhzhia	Запоро́жье	3627175
UA-18	Жито́мир	Jitomir	Zhytomyr	Жито́мир	3627185
UA-43	Крим	Crimeia	Crimea	Крым	870749
UA-30	Київ	Quieve	Kyiv	Кі́ев	924714
UA-40	Севастополь	Sebastopol	Sevastopol	Севастополь	3556637

correiapms@gmail.com

Anexo: alfabeto ucraniano

letra uk	transl. en ⁽⁹⁾	fonética (AFI) ⁽¹⁰⁾	equivalente português	nome ucraniano	«transl.»
А а	a	/a/ /ɐ/	a (em alto, aprox.) a (em antes)	Áвстрія (Áustria)	austriia
Б б	b	/b/	b (em basta)	Буджак (Bujaque)	budjac
В в	v	/w/ /ʋ/ (final)	u (em quando) [v por convenção]	Волинь (Volínia)	uolin
Г г	h	/h/	g (em gato, aprox.) [g por convenção]	гривня (grívnia)	griunia
Ґ ґ	g	/g/	g (em gato)	га́нок (alpendre)	ganoc
Д д	d	/d/ /ɖ/	d (em dente)	Да́нія (Dinamarca)	daniia
Е е	e	/ɛ/ /e/	e (em pê) e (em vê)	Есто́нія (Estónia)	estoniia
Є є	ye (início) ie	/ʲɛ/ /jɛ/	ie	Є́мен (Iémen)	iemen
Ж ж	zh	/ʒ/	j (em já)	журналі́ст (jornalista)	jurnalist
З з	z	/z/ /zʲ/	z (em zero)	Запо́ріжжя (Zaporíjia)	zaporijia
И и	y	/i/	i (em vinte)	Микола́їв (Micolaíve)	micolaiu
І і	i	/i/ /iʲ/	i (em ilha)	Іта́лія (Itália)	iitaliia
Ї ї	yí (início) i	/ji/	ii	Їдиш (íídixe)	iidex
Й й	y (início) i	/j/	i (em ceia)	Йорда́нія (Jordânia)	iordaniia
К к	k	/k/	c (em casa) qu (em que)	копійка (coreque)	copiica
Л л	l	/l/ /li/	l (em lua)	Литва́ (Lituânia)	litua
М м	m	/m/	m (em mão)	Мари́уполь (Mariupol)	mariupol
Н н	n	/n/ /ni/	n (em não)	Німе́ччина (Alemanha)	nimetchina
О о	o	/ɔ/	o (em pó)	Одеса́ (Odessa)	odessa
П п	p	/p/	p (em pato)	По́льща (Polónia)	polescha
Р р	r	/r/ /ri/	r (em caro)	Росі́я (Rússia)	rossiia

С с	s	/s/ /sʲ/	s (em saia) ss (em isso)	Севастополь (Sebastopol)	seuastopol
Т т	t	/t/ /tʲ/	t (em tudo)	Туреччина (Turquia)	turetchena
У у	u	/u/ /ʊ/	u (em peru) u (em furo, aprox.)	Україна (Ucrânia)	ucraíina
Ф ф	f	/f/	f (em faca)	Франція (França)	frantsiia
Х х	kh	/x/	c (em casa, aprox.) qu (em <i>que</i> , aprox.) [c/qu por convenção]	Хорватія (Croácia)	coruatiia
Ц ц	ts	/ts/ /tsʲ/	ts (em tsar)	Циган (cigano)	tsigan
Ч ч	ch	/tʃ/	ch (em <i>checo</i>) [ch por convenção; tch, em <i>tcheco</i> (Brasil)]	Чехія (Chéquia)	tchequiia
Ш ш	sh	/ʃ/	x (em xá) [x por convenção]	Швейцарія (Suíça)	xueitsariia
Щ щ	shch	/ʃtʃ/	(e)sch [(e)sch por convenção; (e)st(e), em este (Rio de Janeiro)]	Щецин (Estetino)	xtchetsin
Ь ь	—	/ɐ/			
Ю ю	yu (início) iu	/ju/ /ju/	iu	Югославія (Iugoslávia)	iugoslauia
Я я	ya (início) ia	/ja/ /ja/	ia	Японія (Japão)	iaponiia
’	—		’		

(1) Parlamento da Ucrânia, *Закон України Про Забезпечення Функціонування Української Мови Як Державної*, Документ 2704-VIII, <https://zakon.rada.gov.ua/laws/show/2704-19#Text> (en: *Law of Ukraine on Supporting the Functioning of the Ukrainian Language as the State Language, Document 2704-VIII*, <https://zakon.rada.gov.ua/laws/show/en/2704-19#Text>).

(2) Parlamento da Ucrânia, *Закон України Про Засудження Комуністичного Та Націонал-Соціалістичного (Нацистського) Тоталітарних Режимів В Україні Та Заборону Пропаганди Їхньої Символіки*, Документ 317-VIII, <https://zakon.rada.gov.ua/laws/show/317-VIII#Text>.

(3) Principais adaptações (simplificações / convenções) tradicionais para a ortografia portuguesa:

letras uk	transl. en	AFI	adapt. pt	exemplos
В в	v	/w/	v	Володимир — Volodimir
Г г	h	/h/	g	гривня — grívnia
Ж ж	zh	/ʒ/	j	Житомир — Jitomir
Дж дж	dzh	/dʒ/	j	Буджак — Bujaque
Х х	kh	/x/	c qu	Харків — Carquive/Carcóvia Херсон — Quérson
Ч ч	ch	/tʃ/	ch	Чернобиль — Chernobil
Ш ш	sh	/ʃ/	x	Кишинів — Quixinau
Щ щ	shch	/ʃtʃ/	(e)sch	Гоща — Goscha

(4) Pronúncias:

ru: Киев /'kʲiɪf/

uk: Київ /'kʲijʊ/

(cf. Wikipedia, *Fichier:Uk-Kiiv.ogg*, <https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Uk-%D0%9A%D0%B8%D1%97%D0%B2.ogg>).

Se se observarem as transcrições fonéticas dos nomes russo e ucraniano da capital da Ucrânia, verifica-se que ao som inicial /k/ se seguem três sons presentes, quer no nome russo quer no nome ucraniano, mas por ordem diferente e em intensidade diferente: a aproximante palatal /j/ e as vogais anteriores fechada ou quase fechada não arredondadas /i/ ou /ɪ/ (/ɪ/ algures entre um /i/ e um /e/). No final há diferenças: um /t/, em russo, e /ʊ/ (algures entre um /u/ e um /v/), em ucraniano. Cf. YouTube, *'Not afraid of anyone': Zelenskiy says he will stay in Kyiv until war is won*, Guardian News, <https://www.youtube.com/watch?v=9RFOSpXcWL4>.

pt: Quieve /kʲ'ev(ə)/

A pronúncia portuguesa bem consagrada, com a tónica na segunda sílaba, difere quer do russo quer do ucraniano. Com a pronúncia portuguesa concorre também a pronúncia americana decorrente da transliteração oficial do ucraniano Київ.

en: Kyiv /'ki:v/

Cf. YouTube, *How to Pronounce Kyiv, Kyïv (Kiev)* /'kji:v/ in *Ukrainian and English*, SpeechModification, <https://www.youtube.com/watch?v=68a3Y7evvLc> ou YouTube, *Kyiv versus Kiev: Why how you say it matters*, CBC (Canadian Broadcasting Corporation), <https://www.cbc.ca/player/play/2009224259913>.

⁽⁵⁾ Capital: Дніпро́ (Dnipro).

⁽⁶⁾ Capital: Кропивницький (Kropyvnytskyi)

⁽⁷⁾ Capital: Луцьк (Lutsk)

⁽⁸⁾ Capital: Ужгород (Uzhhorod)

⁽⁹⁾ Grupo de Peritos em Nomes Geográficos das Nações Unidas, *Working Paper no. 21: Romanization System in Ukraine*, https://unstats.un.org/unsd/geoinfo/ungegn/docs/26th-gegn-docs/WP/WP21_Roma_system_Ukraine%20engl_.pdf.

⁽¹⁰⁾ Omniglot, *Ukrainian* (Українська), <https://omniglot.com/writing/ukrainian.htm>, Wikipedia, *Ukrainian alphabet*, https://en.wikipedia.org/wiki/Ukrainian_alphabet.

Exoneração de responsabilidade: Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias.

A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

Redação: José Pedro Ferreira (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Ana Luísa Faria (Conselho); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

Grupo de apoio: Paulo Correia; Susana Gonçalves (Comissão); Hilário Leal Fontes (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Cristina Machado (Comissão), Joana Seixas (CESE-CR)

Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)

Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.



A coleção completa d'«a folha» está disponível no catálogo em linha da Biblioteca Jacques Delors [https://infoeuropa.euroid.pt/pesquisar/wti=\(a+folha\)+AND+\(wfmt=se+OR+wfmt=an\)/catalogo=bibliografico](https://infoeuropa.euroid.pt/pesquisar/wti=(a+folha)+AND+(wfmt=se+OR+wfmt=an)/catalogo=bibliografico)

«a folha» ISSN 1830-7809

